

LEONARDO BOFF

Ecoteólogo e escritor

A energia curativa dos gatos domésticos

Temos em casa um gato maravilhoso chamado Queiros. De vez em quando desaparecia e reaparecia 3-4 dias depois. Por esta razão, demos-lhe o nome de Queiros como referência àquela figura política que sumia e depois reaparecia. Servia aos interesses de uma conhecida família de políticos, todos homens, que construíram suas fortunas de forma obscura. O nosso Querós é amoroso e possui especial energia curativa.

Se entrarmos no Google ou em outras plataformas de informação, encontraremos em todas elas a constatação da energia terapêutica dos gatos. Eles cumprem uma missão que vai além de seres animais de estimação. São portadores de energias sutis que se conectam com as energias humanas. Seu ronronar em distintas escalas é uma das formas como se acerca a ser humano, especialmente adoentado.

Jean-Yves Leloup, um psicanalista do profundo, de origem francesa, estudou especialmente a terapia dos animais, particularmente dos gatos, na história do Egito antigo. Chegou a criar um movimento que vem sob o nome “Os terapeutas do Deserto”(Vozes 1997). O terapeuta não precisa de formação psicológica ou psiquiátrica acadêmica. Pode vir de outros saberes mas que se propõe entrar em contacto íntimo com a natureza e seus elementos de forma a viver uma verdadeira comunhão com eles. É esse processo de comunhão que libera a irradiação das energias dos elementos e faz com que se torne curativo. Sem invalidar as terapias clássicas das várias escolas da psicologia e da psiquiatria. C.G.Jung tenha sido um dos poucos que valorizou esse energia natural, pois, segundo a fórmula de Einstein, matéria e energia se equivalem. Werner Heisenberg, da mecânica quântica, sempre insistia

que matéria não existe. Tudo é energia em distintos graus de densidade. E a energia, formando campos, sempre se difunde em todas as direções.

Tive a oportunidade de visitar algumas vezes uma mística, poeta e escritora Adriana Zarri (1919-2010), perto de Strambino no norte da Itália. Fazia dura crítica ao conservadorismo do Papa João Paulo II e de Bento XIV. Convivia com sua gatinha a Arcibalda, a quem dedicou seu último artigo.

Ela, como pude testemunhar pessoalmente, possuía uma relação afetiva com a gata como de íntimos amigos. Aquilo que a nossa grande psicanalista junguiana Nise da Silveira descreveu em seu livro Gatos, a emoção de lidar (1998) foi confirmado pela escritora Zarri que escreveu: “o gato tem a capacidade de captar o nosso estado de alma; se me vê chorando, logo vem lambendo minhas lágrimas”.

Contam que a gata esteve junto dela enquanto expirava. Ao ver os amigos chegarem para o velório, se enrolava na cortina da sala para acolhe-los. Como se soubesse a hora, discretamente, pouco antes de fecharem o féretro, entrou discretamente na capela que havia no casarão em que Zarri seria velada.

Alguém, sabendo do amor da gatinha pela mística, pegou-a ao colo e a aproximou ao rosto dela. Fixou-a longamente e parecia que lacrimejava. Depois colocou-se debaixo do féretro e aí permaneceu em absoluta quietude.

Voltemos ao nosso gatinho Queiros. Por razões que não cabe aqui referir, estive por certo tempo acamado. O Queiros ficava ao meu lado e às vezes por longo tempo sobre o meu peito. Dormia ao meu lado, colado ao meu corpo para poder sentir-lhe o calor.

De manhã vinha pressuroso e com sua patinha me saudava colocando-a sobre o cobertor. Ficava por longo tempo sobre a parte ferida do corpo como se quisesse passar sua energia curativa. Efetivamente a passava pois ouvia seu ronronar, a forma como os gatos e também as gatas se comunicam.

Estima-se que existem no mundo entre 600 mi-

lhões a 1 bilhão de gatos, de 250 raças diferentes. Geralmente vivem entre 15-20 anos.

Presume-se que o gato ancestral (Felis Catus) remonta há 15 milhões de anos. Entretanto sua domesticação começou na Babilônia por volta de 7500 (a.C). É um animal cosmopolita pois existe no mundo inteiro. Ele foi importante no neolítico quando surgiu a agricultura. Alimentos e frutas eram atacados por ratos e outros roedores. Aí a função dos gatos, sempre tidos como bons caçadores, se tornou decisiva, também nas casas nas quais havia tais roedores.

Os gatos por seu DNA possuem um cérebro bastante evoluído, o que os torna capazes de sentir emoções e, como consideramos, possuir uma irradiação curativa. São extremamente higiênicos, empenhando largo tempo no cuidado do pelo, utilizando a parte áspera da língua para remover sujeira e pó.

Por mais que praticamente por todo tempo tenham sido animais de estimação, difundiu-se, no entanto, no início da Idade Média, a crença de estarem associados às bruxas e ao demônio. Curiosamente foram excomungados, julgados em praça pública e queimados como se fazia com as bruxas.

Graças a Deus, passado esse tempo sombrio, mesmo na Idade Média das universidades e dos estudos, foram reintroduzidos como animais de estimação.

Hoje gatos de toda as raças existem em muitas famílias. Alguns mais trabalhados artisticamente e até são levados pelas madames nos encontros sociais, talvez roubando mais carinho do que dedicado aos próprios filhos.

Por fim, cuidemos desses seres domésticos, amorosos como o Queirós, respeitando sua liberdade intrínseca, dando-lhes o alimento adequado sem as adições químicas que lhes são prejudiciais. Eles são companheiros em nossas sociedades que são parte da natureza, portadora de direitos. e por isso, os gatos comparecem como concidadãos, também sujeitos de direitos a serem respeitados.

GABRIEL WILHELMS

Graduado em Música e Economia. Colunista do Instituto Liberal

O sigilo da fonte e o duplipensar do STF

Aos fatos. Um jornalista (reduzido a mero “blogueiro” na boca maledicente de certos vendilhões da imprensa brasileira) publica reportagens dando conta de que o ministro do STF, Flávio Dino, bem como seus familiares, estaria usando um carro do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJ-MA), inclusive para voltas particulares e sem qualquer caráter oficial. Mesmo sem ter foro por prerrogativa de função, o jornalista Luís Pablo passa a ser alvo de uma ação no STF que corre sob a relatoria de Alexandre de Moraes (é claro). Recentemente, com base na análise de dispositivos eletrônicos de Luís Pablo, apreendidos pela PF, Moraes também determinou busca e apreensão contra a suposta fonte do jornalista, bem como contra um advogado que o teria assessorado. Sustenta a Polícia Federal que o maquiavélico jornalista, pelo horrendo feito de ter feito o nobre trabalho de divulgar o que o TJ-MA anda fazendo com os recursos públicos, causou “perturbação do equilíbrio psicológico” de Dino. Em tempo, apesar de Dino e o STF defenderem a regularidade no uso do veículo, a corte havia solicitado ao TJ-MA apenas apoio na segurança do ministro; somente após a publicação da matéria, o STF formalizou o pedido do uso do carro; ou seja, a cronologia dos fatos demonstra que Luís Pablo constatou, de fato, uma irregularidade, já que, até a publicação da reportagem, Dino e seus familiares fizeram uso do

carro sem qualquer solicitação oficial- e, claro, mesmo após a solicitação, não se explica ou justifica que o veículo seja usado para fins particulares ou por familiares do ministro.

A investida contra algo tão sagrado quanto o sigilo da fonte forçou uma reação crítica de vários setores da imprensa, reação impossível de ser ignorada por ministros tão cílios de sua pose de democratas. Fachin, essa criatura ambígua que parece querer servir tanto a Deus quando ao diabo, apenas para se ver defenestrado por ambos, apostou na defesa da imprensa, mas não sem deixar de se solidarizar com Dino e dar respaldo à investida de Moraes. Já Carmen Lúcia, aquela do “vou censurar, mas só dessa vez”, sustenta que a liberdade de imprensa “não está em questão” no Brasil. “Xandão”, por sua vez, como lhe é de hábito, discursou lindamente sobre a importância do sigilo da fonte para, em seguida sustentar o vilipêndio que protagonizou à mesma, com a já conhecida ladainha de que tal direito e garantia fundamental não é escudo contra o cometimento de “crimes”. A mesma estratégia foi aplicada com a finada liberdade de expressão: inicialmente, ressaltam sua importância de maneira hipócrita, fazendo uma série de ressalvas e exceções para então incluir tudo o que não gostam na exceção. Além de pretender emular o Ministério da Verdade, emulam também o duplipensar orwelliano. A liberdade de expressão é muito importante, por isso vamos destruí-la. O sigilo da fonte é sagrado, por isso vamos aniquilá-lo. É como discursar contra a pena de morte em pleno cadafalso segundos antes de chutar o banco.

Mas essas contradições não ocorrem por acidente: elas cumprem um propósito. Uma corte instável a ponto de ministros professarem sem pudor tais sandices, a todo tempo contradizendo na frase seguinte o que foi dito na frase imediatamente anterior, é uma corte, por avessa à lógica e coerência, perigosa. É a loucura com método. Como na distopia de George Orwell, o duplipensar do STF também serve aos propósitos de quem detém o poder (e ninguém em sã consciência negaria que hoje no Brasil esse papel cabe à suprema corte). A grande imprensa foi acolita dos desmandos de Moraes e sua turma desde o princípio sob o pretexto de “salvar a democracia”. Não obstante, mais recentemente, alguns veículos e alguns jornalistas ainda dignos da profissão têm se arriscado a publicar matérias e opiniões que contrariam os interesses dos supremos togados. Como nem mesmo Moraes tem o atrevimento (ao menos por enquanto) de mandar fechar jornais, como faz com redes sociais em território nacional, a investida contra a fonte de Luís Pablo serve para aterrorizar e desencorajar as fontes de outros jornalistas que possam fornecer informações que os donos do poder não queiram ver publicadas. O STF repete com a imprensa e suas potenciais fontes o mesmo padrão de intimidação ao qual vem submetendo os cidadãos desse país.

Mas, aos desesperançados, notem uma coisa. A intimidação, paradoxalmente, também pode revelar fraqueza. Quem, tendo ganas de fazer pior, se contenta com a ameaça, é porque talvez não tenha os meios ou coragem para fazer o que realmente gostaria, ao menos por ora.